

40 ANOS DO INFES/UFF: UM OLHAR SOBRE A PEDAGOGIA HOSPITALAR COMO CAMPO DE CUIDADO, DIREITO E DESENVOLVIMENTO HUMANO

40 YEARS OF INFES/UFF: A LOOK AT HOSPITAL PEDAGOGY AS FIELD OF CARE, RIGHTS, AND HUMAN DEVELOPMENT

40 AÑOS DEL INFES/UFF: UNA MIRADA A LA PEDAGOGÍA HOSPITALARIA COMO CAMPO DE CUIDADO, DERECHO Y DESARROLLO HUMANO

Luanny Leite Estephaneli

Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior da Universidade Federal Fluminense – INFES/UFF, Campus Santo Antônio de Pádua – RJ, Brasil.

E-mail: luannyleite@id.uff.br

ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-4498-6237>

Fernando de Souza Paiva

Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior da Universidade Federal Fluminense – INFES/UFF, Campus Santo Antônio de Pádua – RJ, Brasil.

E-mail: fernandopaiva@id.uff.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5042-8935>

Resumo

O presente artigo resulta de um Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvido no âmbito do curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior – INFES da Universidade Federal Fluminense (UFF). A pesquisa, de abordagem qualitativa, fundamentada em um relato de experiência vivida no Hospital do Câncer de Muriaé (MG), amplia o olhar sobre a Pedagogia enquanto ciência da educação, ao abordar o papel do Pedagogo no ambiente hospitalar como agente de cuidado, escuta e continuidade dos processos educativos em contextos adversos. No texto, a Pedagogia Hospitalar é apresentada como uma ferramenta que transcende conteúdos escolares, se configurando como prática de acolhimento e preservação de vínculos, que respeita o tempo, as emoções e a história de cada paciente, revelando-se como mediadora de cuidado, esperança e transformação. No ano em que o INFES/UFF completa quatro décadas de existência, lançar um olhar sobre a atuação do Pedagogo em hospitais é fundamental para ressaltar o seu papel em lugares para além do espaço escolar. Também reafirma o compromisso do curso de Pedagogia do INFES/UFF em formar profissionais qualificados para atuar em outros contextos sociais, onde a Pedagogia também cumpre um papel de relevância como *modus* de transformação social e humana.

Palavras-chave: Pedagogia Hospitalar; Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior – INFES/UFF; Relato de experiência.

Abstract

The present article is the result of a Final Undergraduate Project developed within the Pedagogy degree program at the Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior – INFES of the Universidade Federal Fluminense (UFF). The research, with a qualitative approach and based on an experience report at the Cancer Hospital of Muriaé (MG), broadens the perspective of Pedagogy as an educational science by addressing the role of the Pedagogue in the hospital environment as an agent of care, attentive listening, and continuity of educational processes in adverse contexts. In the text, Hospital Pedagogy is presented as a tool that transcends school content, taking shape as a practice of welcoming and preserving bonds, respecting the time, emotions, and history of each patient, and revealing itself as a mediator of care, hope, and transformation. In the year that INFES/UFF celebrates four decades of existence, looking at the role of the Pedagogue in hospitals is essential to highlight its importance in spaces beyond schools. It also reaffirms the commitment of the Pedagogy course at INFES/UFF to train qualified professionals to work in different social contexts, where Pedagogy also fulfills a relevant role as a means of social and human transformation.

Keywords: Hospital Pedagogy; Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior – INFES/UFF; Experience Report.

Resumen

El presente artículo resulta de un Trabajo de Conclusión de Curso desarrollado en el ámbito de la Licenciatura en Pedagogía del Instituto del Noroeste Fluminense de Educación Superior – INFES de la Universidad Federal Fluminense (INFES/UFF). La investigación, de enfoque cualitativo y fundamentada en un relato de experiencia vivida en el Hospital del Cáncer de Muriaé (MG), amplía la mirada sobre la Pedagogía como ciencia de la educación al abordar el papel del Pedagogo en el ambiente hospitalario como agente de cuidado, escucha y continuidad de los procesos educativos en contextos adversos. En el texto, la Pedagogía Hospitalaria se presenta como una herramienta que trasciende los contenidos escolares, configurándose como una práctica de acogida y preservación de vínculos, que respeta el tiempo, las emociones y la historia de cada paciente, revelándose como mediadora de cuidado, esperanza y transformación. En el año en que el INFES/UFF cumple cuatro décadas de existencia, dirigir la mirada hacia la actuación del Pedagogo en hospitales resulta fundamental para resaltar su papel en lugares más allá del espacio escolar. También reafirma el compromiso del curso de Pedagogía del INFES/UFF en formar profesionales calificados para actuar en otros contextos sociales, donde la Pedagogía también cumple un papel relevante como un modo de transformación social y humana.

Palabras-clave: Pedagogía Hospitalaria; Instituto do Noroeste Fluminense de Educación Superior – INFES/UFF; Relato de experiencia.

INTRODUÇÃO

Desde a antiguidade, cada vez mais a Pedagogia tem se constituído como prática integral, dialógica, dinâmica e transformadora, voltada à reflexão crítica e à mudança da

realidade educativa. Com origem na Grécia Antiga, inspirada na *paideia*, o termo derivou-se dos vocábulos gregos *paidós* (criança) e *agogé* (condução). A aglutinação desses termos levou à palavra grega *paidagogos*, onde *paidós* (criança) e *agogos* (condutor) remetem ao papel do educador como aquele que guia o processo de aprendizagem (Gadotti, 2008; Silva; Andrade, 2013).

Para Luzuriaga (1968), desde os seus primeiros registros, a Pedagogia sempre esteve ligada à arte, à filosofia e à técnica, evoluindo como teoria voltada à construção e transmissão metodológica de saberes, na busca por métodos eficazes que viessem facilitar o processo de ensino-aprendizagem. Contudo, o teórico destaca que ao evoluir no decorrer dos séculos, a Pedagogia passou a ser compreendida como ciência da educação, abraçando-a como seu objeto. Doravante, tal complexidade vem transformando a Pedagogia hodiernamente em um campo metodológico amplo, dinâmico e essencialmente dialético, voltado à reflexão crítica e à mudança da realidade educativa.

No entendimento de Schmied-Kowarzik (1983), a Pedagogia não se limita a ser apenas um conjunto de técnicas de ensino, mas se fundamenta na práxis, entendida como ação reflexiva e transformadora. Nessa perspectiva, ela tem sido reconhecida como uma ciência da e para a prática educativa, se constituindo como uma reflexão sistemática da educação, conforme assevera Luzuriaga (1984). Destarte, tal concepção tem feito expandir significativamente o seu campo de atuação, extrapolando os muros da escola, a sua base tradicional.

Conforme salienta Paiva (2022), na contemporaneidade, enquanto ciência da educação, a Pedagogia tem avançado para além da docência, alcançando lugares como Organizações Não-Governamentais (ONGs), Tribunais de Justiça, Forças Armadas, empresas públicas e privadas de diversos setores, hospitais, penitenciárias, departamentos de ações socioeducativas, ambientes religiosos, enfim, um número cada vez maior de espaços institucionais.

Nesses lugares para além do espaço escolar, o Pedagogo vem desempenhando um papel proeminente e essencial na promoção do desenvolvimento humano e profissional, tendo como finalidade precípua a construção do processo ensino-aprendizagem. Ao abordar esta dimensão abrangente da Pedagogia, corroborando com o pensamento historicamente desenvolvido pelo professor Libâneo (2005), Paiva (2022) reforça que onde existe um processo educacional em desenvolvimento, aí se torna necessária a presença do Pedagogo.

Neste texto, que é reflexo de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)

desenvolvido no âmbito do curso de Pedagogia do Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior – INFES, da Universidade Federal Fluminense (UFF) em Santo Antônio de Pádua – RJ, mesorregião noroeste fluminense, procuro dialogar com pesquisadores dos campos da Pedagogia e da Pedagogia Hospitalar, pautando-me em uma experiência pessoal, enriquecida por vivências acadêmicas, trazendo uma breve reflexão sobre o papel do Pedagogo no ambiente hospitalar como agente de cuidado, escuta e continuidade dos processos educativos, mesmo em contextos adversos.

No ano em que o INFES/UFF completa quatro décadas de existência, este trabalho se propõe a lançar um olhar sobre a atuação do Pedagogo em hospitais como um dos exemplos do exercício da profissão em lugares para além do espaço escolar (Paiva, 2022). Por oportuno, o texto também reafirma o compromisso que possui o curso de Pedagogia do INFES/UFF em formar profissionais qualificados para atuar em outros contextos sociais, onde a Pedagogia também cumpre um papel de relevância como *modus* de transformação social e humana.

PERCEPÇÕES E SENTIDOS

Durante minha trajetória acadêmica como licencianda em Pedagogia, venho percebendo que algumas correntes de pensamento no campo da educação ainda tentam reduzir o papel do Pedagogo à figura do professor de sala de aula. No entanto, em meu processo formativo, enriquecido por leituras e vivências, tenho observado o quanto a Pedagogia extrapola o papel da instrução formal, com ênfase na docência: ela também envolve acolhimento, escuta, mediação e construção de sentidos em outros contextos.

Destarte, tenho percebido que a atuação do Pedagogo em espaços não escolares é uma oportunidade preciosa de ampliar o que historicamente se entende por educação, fazendo dela um instrumento efetivo de transformação social. Mas, para que essa presença seja realmente significativa, é preciso repensar a formação do Pedagogo, aproximando teoria e prática, e cultivando uma postura crítica, sensível e comprometida com a dignidade humana.

Em ambientes sombrios, como os hospitais, onde as noites parecem mais longas, o sono é quase sempre interrompido, as cores se apagam e o tempo se reveza entre a dor, o medo e a esperança pela cura, a presença do Pedagogo pode representar um fio de luz. Para a criança hospitalizada, ela pode significar um elo que a conecta à vida que pulsa lá fora, preservando sua infância e mantendo viva a chama da aprendizagem.

Nesse espaço, é fundamental enxergar o paciente para além da doença, compreendendo que por trás do leito, há alguém que sente, sonha, deseja e precisa ser reconhecido. Como lembra Angerami (1995), a humanização do hospital é um fenômeno que passa por necessárias transformações da instituição hospitalar como um todo, e, evidentemente, pela própria transformação social.

Mesmo com os atuais avanços, a visão ainda limitada do que seja a Pedagogia, e de sua abrangência profissional, desconsideram a pluralidade dos contextos educativos. A promulgação da Lei Federal nº 13.716/2018, que garante o direito à educação de crianças e adolescentes internados por tempo prolongado, reforça a legitimidade e a necessidade da presença da Pedagogia no ambiente hospitalar. Nesse contexto, o trabalho pedagógico exige metodologias adaptadas, sensibilidade frente às condições emocionais e cognitivas dos pacientes e articulação com saberes interdisciplinares.

A motivação para o desenvolvimento deste objeto de pesquisa em meu TCC nasceu de uma vivência pessoal ainda na infância, quando precisei passar por uma cirurgia de apendicite, onde permaneci internada em um hospital por quase um mês, até que o diagnóstico do problema fosse confirmado e o desfecho ocorresse. Naquele período, eivada de dor e tristeza, senti muito forte a ausência da escola e da prática pedagógica, o que me causou medo, insegurança e uma profunda desconexão com o universo da aprendizagem, por não ter quem me acompanhasse nas atividades escolares durante a permanência no ambiente hospitalar. E mesmo após receber alta, a situação não mudou muito, mediante o trauma herdado daquele período turbado.

Anos mais tarde, já em minha juventude, amadurecida em meio à ambiência universitária, a reflexão sobre essa experiência despertou-me o desejo de investigar de que forma a Pedagogia pode ser inserida nos ambientes hospitalares, e qual impacto ela pode gerar no desenvolvimento de crianças hospitalizadas. Daí nasceu o problema que motivou o trabalho que ora desenvolvo como TCC: - pode a Pedagogia transformar a experiência da internação hospitalar em uma oportunidade educativa e humanizadora?

O HOSPITAL COMO *LOCUS* PEDAGÓGICO

Nos dias atuais, junto a outros lugares, a Pedagogia Hospitalar tem se configurado cada vez mais como um campo específico, voltado a garantir o direito à educação em situações de adoecimento. Desta forma, seu objetivo não se pauta na reprodução da escola em um hospital, mas no desenvolvimento de práticas pedagógicas sensíveis, adaptadas à

realidade dos pacientes e integradas ao cotidiano hospitalar, “valorizando e garantindo o direito da criança enferma” (Silva; Andrade, 2013, p. 57).

No hospital, o Pedagogo atua como ponte entre o mundo exterior e o ambiente clínico, promovendo a continuidade do processo de aprendizagem e contribuindo para a preservação da identidade e autoestima de crianças internadas. Assim, tradicionalmente voltado ao cuidado físico, o hospital passa a ser também um espaço de desenvolvimento emocional, cognitivo e social, onde o pequeno paciente precisa de um cuidado especial e de uma ação educativa, “tanto escolar como cotidiana, desde sua vida pessoal até os procedimentos médicos vividos durante sua internação” (Silva; Andrade, 2013, p. 62-63). Nesse território delicado, o Pedagogo Hospitalar atua com escuta atenta, sensível e cuidadosa, evocando mais do que lições teóricas e práticas educativas: oferece humanidade!

Portanto, nesse ambiente hospitalar, marcado por incertezas, dor e sofrimento, educar não é apenas levar conteúdos para o leito: significa principalmente criar pontes, resgatar rotinas, alimentar sonhos e manter vivo o sentimento de pertencimento. Como requer a Pedagogia Hospitalar contemporânea, o ato educativo nesse contexto deve ser lúdico, flexível, criativo e, sobretudo, empático. Conforme afirma Paulo Freire (1989), a leitura do mundo precede a leitura da palavra. Mas como isso pode acontecer dentro de um hospital? Como garantir que uma criança, em plena fase de descobertas e questionamentos, continue sua aprendizagem mesmo em um ambiente tão diferente e desafiador?

Embora o hospital muitas vezes pareça um lugar onde o tempo fica congelado, ele pode se revelar um território fértil de possibilidades. Quando bem conduzido por um profissional capacitado, o trabalho pedagógico dentro do ambiente hospitalar transforma a experiência do adoecimento em uma travessia mais leve, significativa e menos solitária. Por meio de metodologias afetivas e personalizadas, com a utilização de espaços lúdicos como brinquedotecas, onde a imaginação e o tempo de cada criança são explorados em suas singularidades, a Pedagogia Hospitalar age para fortalecer o sistema emocional e manter o vínculo com o saber, minimizando os efeitos do afastamento escolar tradicional. Rompendo com o medo, a criança se sente mais confiante, mantendo-se aberta tanto às intervenções necessárias ao tratamento quanto ao processo de aprendizagem, que voltará a ser uma atividade prazerosa.

COMPARTILHANDO UMA EXPERIÊNCIA PESSOAL

Conforme aludi anteriormente, minha ligação com o campo da Pedagogia Hospitalar se tornou profundamente pessoal, quando na infância necessitei passar pela dolorosa experiência da internação. Com apenas sete anos de idade, durante um mês vivi um período de internação hospitalar que me marcou muito, não apenas pelas dores físicas, medo e ansiedade, mas pela solidão e rompimento abrupto com o universo escolar.

Naquele ambiente frio e solitário do hospital, longe dos amiguinhos e dos familiares, ansiava pelo contato com alguém que me acolhesse, não me enxergando como um paciente, mas como uma criança em pleno desenvolvimento, pois estava no início do ano letivo, cursando o segundo ano do Ensino Fundamental, e no caminho de aprender a ler e escrever. Portanto, precisava de muita atenção e cuidado naquele processo inicial de aprendizagem: precisava de alguém que me confortasse e me devolvesse o sentido da vida, pois a escola era um espaço que eu amava muito.

Anos mais tarde, já como graduanda no curso de Pedagogia do INFES/UFF, compreendi que essa ausência somente poderia ser preenchida com práticas sensíveis, humanas e transformadoras. Um profissional que não fosse médico ou enfermeiro, que não visse o hospital como um lugar de tratamento, mas que fosse acolhedor e sensível às necessidades mais simples de uma criança, entendendo sua vontade de brincar, ler e aprender, aproximando a vida da normalidade.

Pensando em minha experiência, entendo cada vez mais que ela não representa um fato isolado. Em unidades hospitalares, muitas crianças vivenciam o estado de adoecimento sem qualquer suporte educacional. E é nesse vácuo de incertezas que a Pedagogia Hospitalar se torna imprescindível, pois promove “entretenimento, informação, aprendizado e o desejo de continuar a viver, mesmo para aqueles sujeitos que se encontram com uma patologia grave, muitas vezes em situação de desengano por parte das equipes de saúde” (Silva; Andrade, 2013, p.65). Segundo Larrosa (2002, p. 21) “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”. Isso me ajudou a entender como essa vivência moldou meu compromisso profissional e ético com a educação.

No penúltimo ano do curso, no dia 13 de dezembro de 2024, por meio da disciplina Escola da Infância II, tive a oportunidade de visitar o Hospital do Câncer de Muriaé - MG, mantido pela Fundação Cristiano Varella - instituição criada para eternizar a memória de Cristiano, um jovem que faleceu tragicamente aos 22 anos. Naquele espaço carregado de história e emoção, percebi o cuidado com a vida em suas múltiplas dimensões.

Durante a visita, além de conhecer o espaço e a história da instituição, participei de uma palestra conduzida pela Pedagoga Hospitalar daquela Unidade, a única profissional da área atuando ali. Era visível, em cada palavra que ela dizia, a sensibilidade e o amor pelo que faz. Suas experiências, colhidas ao longo de anos de dedicação, carregavam não apenas conhecimento técnico, mas também histórias de vida, olhares atentos e gestos de cuidado. Entre as suas tantas falas que me marcaram, uma ficou gravada em minha memória: “Não se trata de levar a escola para dentro do hospital, e sim de realizar a prática pedagógica”.

Aquela frase, aparentemente simples, carregava um sentido profundo. Aquela Pedagoga Hospitalar traduzia algo que sempre intuí: de que ensinar em um hospital não é apenas abrir um caderno ou aplicar uma lição. É adaptar, reinventar e transformar o ato de educar para que ele faça sentido naquele contexto de fragilidade, medo e esperança. Era como se ela tivesse dado palavras para algo que eu já havia sentido na pele.

Hoje, quando volto à minha própria história, percebo que ainda carrego marcas daquele período. Por causa delas, desenvolvi um medo intenso de agulhas, vacinas, injeções, do soro e, sobretudo, de exames de sangue. Essas são lembranças que, até hoje, despertam em mim um frio na barriga. Acredito que, se naquela época eu fosse acompanhada por um Pedagogo Hospitalar, tudo teria sido mais leve, pois teria alguém para me ajudar a entender, com palavras e gestos adequados à minha idade, o que estava acontecendo: alguém que me ajudasse a manter viva a conexão com a escola, ainda que distante fisicamente dela.

Mesmo após receber alta, quando precisei permanecer em repouso, senti a ausência desse apoio. Eu estava em uma fase crucial da alfabetização, onde cada dia longe da escola parecia ser um degrau a mais para subir depois. Quinze dias antes de poder voltar à minha rotina, minha mãe, percebendo minha ansiedade e tristeza, foi até à Secretaria Municipal de Educação para pedir autorização para me acompanhar no ônibus escolar. Ela sabia o quanto eu sentia falta da sala de aula, das conversas e descobertas, mas ela também entendia que meu corpo ainda não estava pronto para a correria e os pulos de uma criança saudável, pois ainda não havia recebido alta e precisava retirar os pontos.

Durante aquele período, a professora enviava atividades para que eu realizasse em casa. Mas o papel e o lápis não substituíam o calor da sala de aula, o olhar acolhedor e a troca que nasce no encontro diário com os colegas. Quando finalmente retornei, me senti deslocada, como se tivesse perdido o ritmo. Afinal, não era apenas o conteúdo que eu precisava recuperar, mas também a confiança, o vínculo e o prazer de aprender.

Como destacam Souza e Rolim (2019), o atendimento pedagógico-educacional no

hospital traz benefícios que vão muito além da aprendizagem formal. Ele pode reduzir o tempo de internação, ajudar no enfrentamento do estresse causado pelo adoecimento, a manter o vínculo com a realidade fora do hospital e atender às necessidades de desenvolvimento da criança. É, inclusive, a prática pedagógica mais sistematicamente oferecida a crianças e jovens hospitalizados.

Essa vivência pessoal, aliada ao que vi e ouvi na visita no Hospital do Câncer de Muriaé - MG, fortalece minha convicção de que a Pedagogia Hospitalar não é um luxo, mas uma necessidade. O Pedagogo Hospitalar não leva apenas lições, mas esperança. Ele constrói pontes entre o leito e o mundo lá fora, garantindo que a infância e o direito de aprender não sejam interrompidos. É alguém que sabe transformar um momento de dor em uma oportunidade de crescimento e afeto.

Mais do que ensinar conteúdos, o Pedagogo Hospitalar ensina que, mesmo quando o corpo precisa parar, a mente e o coração podem continuar em movimento. E é nessa capacidade de cuidar do saber e do sentir que repousa a verdadeira força da educação, e da Pedagogia como ciência teórico-prática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência difícil que vivi na infância, que só consegui compreender plenamente ao longo da minha trajetória no curso de Pedagogia e durante minha visita ao Hospital do Câncer de Muriaé - MG, me mostrou que a Pedagogia Hospitalar vai muito além de levar conteúdos escolares para um leito. Ela se revela como um verdadeiro espaço de escuta, acolhimento e construção de vínculos. Cada criança internada é única, com sentimentos, medos, desejos e sonhos que merecem ser reconhecidos e respeitados. É nesse olhar atento e sensível que o desenvolvimento integral se torna possível, envolvendo não apenas a aprendizagem, mas também o fortalecimento emocional, social e afetivo.

Ademais, em uma breve digressão, falando de um hospital que trata de crianças acometidas por uma enfermidade tão agressiva como o Câncer, onde todos os membros da família, de alguma maneira, são envolvidos em uma grande rede de cuidado, se faz ainda mais necessária a presença do Pedagogo Hospitalar, aquele que, por meio da prática educativa pode manter viva a esperança no coração de uma criança acometida de grave enfermidade.

Ao refletir sobre minha própria história, percebo como a presença de um Pedagogo poderia ter transformado meus dias de internação. A atuação desse profissional não garante

apenas que a criança continue aprendendo; ela oferece cuidado, segurança, esperança e a sensação de que, mesmo longe da rotina escolar, a vida continua, cheia de possibilidades. É a certeza de que alguém se importa, que alguém olha para além da doença, para o ser que sente, aprende e cresce.

Apesar dos significativos avanços dos últimos anos, no Brasil a Pedagogia Hospitalar ainda precisa de mais reconhecimento. Políticas públicas consistentes, formação específica e valorização social são essenciais para que esses profissionais possam atuar de forma plena e eficaz. É preciso formar Pedagogos que não apenas saibam ensinar, mas que saibam acolher, escutar, reinventar práticas educativas e transformar cada momento de dificuldade em oportunidade de aprendizado e afeto.

A visita ao Hospital do Câncer de Muriaé – MG reforçou minha convicção de que é possível construir espaços de esperança dentro de hospitais. Ali, o Pedagogo não apenas educa; ele cria pontes entre o mundo da saúde e o mundo da infância, mantendo viva a conexão com a vida lá fora e mostrando que, mesmo em meio à dor, há lugar para a aprendizagem, para a brincadeira, para a imaginação e para a alegria.

Afinal, como nos lembra Larrosa (2002), a experiência é aquilo que nos atravessa, que nos toca. E nessa experiência de cuidado, direito e desenvolvimento humano, conviver por alguns momentos com a realidade prática da Pedagogia Hospitalar me tocou profundamente, definindo o rumo da minha escolha pela atuação como futura Pedagoga em um lugar de grandes desafios, mas também de infinitas oportunidades.

REFERÊNCIAS

ANGERAMI-CAMON, Valdemar Augusto. O psicólogo no hospital. In: TRUCHARTE, Fernanda Alves Rodrigues; SANTOS, Maria de Fátima; PEREIRA, Carlos Eduardo (orgs.). **Psicologia hospitalar: teoria e prática**. São Paulo: Pioneira, 1995, p. 15-28.

BRASIL. **Lei nº 13.716, de 24 de setembro de 2018**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para assegurar atendimento educacional ao aluno da educação básica internado para tratamento de saúde em regime hospitalar ou domiciliar por tempo prolongado. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ano 155, n. 185, p. 1, 25 set. 2018. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/113716.htm. Acesso em: 4 mai.2025.

FONTES, Rejane de Souza. A Escuta Pedagógica à Criança Hospitalizada: Discutindo o papel da Educação no Hospital. **Revista Brasileira de Educação**, n. 29, Rio de Janeiro, mai/ago. 2005. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/gJN94n3wRvTyCZnPnnJzQzv/?format=pdf&lang=pt>.
Acesso em: 4 mai.2025.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados; Cortez, 1989.

GADOTTI, Moacir. **História das idéias pedagógicas**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2008.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 4 mai.2025.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 8.ed. São Paulo: Cortez, 2005.

LUZURIAGA, Lorenzo. **Pedagogia**. 5. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968.
_____. **História da educação e da pedagogia**. 15. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1984.

PAIVA, Fernando de Souza. Lugares da pedagogia para além do espaço escolar: vivências transformadoras na disciplina curricular “Pesquisa e Prática Educativa IV”, no curso de pedagogia do Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior em tempos de Covid-19. In: MALHEIRO, Cícera A. Lima; SCHLUNZEN, Elisa T. Moriya; SAÇO, Livia Fabiana (Orgs.). **Acessibilidade e inclusão no ensino superior: experiências, recursos e políticas públicas**. Diadema: V&V Editora, 2022.

SCHMIED-KOWARZIK, Wolfdietrich. **Pedagogia dialética: de Aristóteles a Paulo Freire**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SILVA, Neilton da; ANDRADE, Elane Silva de. **Pedagogia hospitalar: fundamentos e práticas de humanização e cuidado**. Cruz das Almas: UFRB, 2013.

SOUZA, Zilmene Santana; ROLIM, Carmem Lucia Artioli. As vozes das professoras na pedagogia hospitalar: descortinando possibilidades e enfrentamentos. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Bauru, v. 25, n. 3, p. 403-420, jul./set. 2019. DOI: 10.1590/s1413-65382519000300004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/zZjkGNXB5Mw4SxjFL97WqHp/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 4 mai.2025.